

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Ações militares na fronteira Oeste na Província de Mato Grosso, durante e no período posterior à guerra do Paraguai (1865-1920)

Aluisio Gonçalves de Farias*

Resumo: Este trabalho tem como temática central a Guerra do Paraguai (1865-1870). Enfoca os estudos sobre o Exército brasileiro, em especial o Batalhão 21 de Infantaria, objetivando analisar formação, organização e atuação do referido Batalhão na Guerra do Paraguai, com enfoque no momento posterior ao conflito (1865-1920), especificamente na região sul da Província de Mato Grosso. Utilizamos para a realização desta pesquisa, documentos oficiais pertencentes ao Arquivo Público de Mato Grosso (APMT), como correspondências do Comando das Armas da Província, ofícios de Acampamentos militares, Relatório de Presidente de Província e bibliografia referente ao período.

Palavras-Chaves: Militares Guerra do Paraguai, Mato Grosso, Infantaria.

Abstract: This work has as thematic central office the Paraguay War (1865-1870). It focuses the studies of the Brazilian Army, in special Battalion 21 of Infantry, objectifying analyze the formation, organization and performance of the related Battalion in the Paraguay of War, with approach at the moment subsequent of conflict (1865-1920), specifically in the south region of the Mato Grosso Province. We use for accomplishment of this research, official documents of the Public Archive of Mato Grosso (APMT), of the years of 1864 the 1920, as, correspondences of the Command of the Army of the Mato Grosso Province, crafts of Encampments military, Report of President of Province and referring bibliography the period.

Key-words: Military, Paraguay of War, Mato Grosso, Infantry.

O presente trabalho tem como objeto de análise o Batalhão 21 de Infantaria, uma instituição militar formada na Província de Minas Gerais, em junho de 1865, por ordem do Império, em detrimento aos ataques de paraguaios na Província de Mato Grosso, assim, o objetivo deste artigo é analisar a formação e atuação do Batalhão 21 de Infantaria na Guerra do Paraguai e posterior a ela.

O recorte temporal que utilizo para este trabalho é de 1864, início da Guerra do Paraguai até o ano de 1920, momento que o 21 de Infantaria transforma em 16º Batalhão de Caçadores e se transfere de Corumbá para Cuiabá.

* Mestrando em História pela Universidade Federal de Mato Grosso, sob orientação da Professora Dr^a Maria Adenir Peraro.

Utilizo para a realização deste trabalho as fontes do Arquivo Público de Mato Grosso, que abrangem os anos de 1860 à 1870. Esta documentação se refere a invasão paraguaia em Mato Grosso e a mobilização por parte da província e do Império para a defesa da fronteira oeste do Brasil. É observada um grande número de correspondências militares que mostra o cotidiano de militares e a política militar do Império.

O Exército é um dos alicerces para a construção de um Estado, pois implica na idéia de soberania nacional e a organização de uma sociedade em um determinado território.

Nessa perspectiva, o Exército é uma instituição de suma importância para a análise da natureza do Estado, uma vez que este é um dos elementos que garante a coação física para a realização das ordens emanadas, ou seja, o monopólio legitimado perante a população; assim passa-se até a garantia de segurança pessoal para o Estado, que passa a ter responsabilidade de proteger a todos.

No Brasil, o Exército passou a ser estruturado e organizado de forma profissional a partir do conflito com o Paraguai, momento em que o Império se viu obrigado a aparelhar e criar condições favoráveis para uma batalha de defesa de seu território, assim, passou a haver um recrutamento obrigatório, seguido de uma formação da oficialidade.

A Guerra do Paraguai tem início em Dezembro de 1864. Neste momento as relações diplomáticas entre o Império brasileiro, governado por D. Pedro II, e a República do Paraguai, governada por Solano Lopez encontravam-se deterioradas, devido a conflitos de interesses no que tange a fronteiras entre os dois países; a navegação do Rio Paraguai, uma vez que navios brasileiros adentravam o território paraguaio para chegar a Província de Mato Grosso; além de conflitos que remontam ao período colonial ibérico, relacionado ao tratado de fronteiras. Além desses fatores entre o Brasil e o Paraguai, temos ainda o cenário político de crise envolvendo outros dois países da Bacia do Prata: a Argentina e o Uruguai.

Devido aos fatores internos ou como diz Doratioto “devido a dinâmica da construção dos Estados nacionais na Região do Rio do Prata” (DORATIOTO, 1991:81)¹ ocorreu a Guerra do Paraguai e a Província de Mato Grosso foi a primeira a sofrer um ataque.

A Guerra do Paraguai é vista em sua particularidade na região de Mato Grosso, uma vez que esta província foi palco secundário da Guerra para onde foram enviados o Batalhão de Infantaria nº 21, dentro outros, como o nº 20 e o 19º de Goiás.

Durante o conflito com Paraguai (1864-1870), ocorreu enorme mobilidade armamentista por parte do Império, quanto à organização de Batalhões e Companhias, além de acrescentar a Guarda Nacional como Forças de Linhas (BARROSO, 2000:23). Não havia

1

no Império, nesse momento sequer um Exército regular, e, portanto uma falta de estrutura bélica para a tal guerra, e escassez de homens nas forças militares. Assim, segundo Joaquim Francisco Mattos (1999) que apresenta o número de efetivo militar de 31/03/1864 da Diretoria Geral da Secretaria da Guerra, o total de homens era apenas de 18.320, com 38 do corpo eclesiástico e 1.016 da Guarda Nacional, entre oficiais e praças. Diante desses dados é importante salientar que o Exército, naquele momento, não constituía a força oficial do Império, uma vez que esta era marginalizada, não tinha uma importância nacional, e se concentrava, em grande parte, no Sul do país, devido a Guerra da Cisplatina e conflitos nessa região. Assim, esta instituição era formada por homens livres e não proprietários de terras ao contrário da Guarda Nacional pertencendo seus oficiais à classe de latifundiários e aristocracia imperial.

Em dezembro de 1864, a Província de Mato Grosso foi invadida facilmente pelos paraguaios, fato que traduz a fragilidade militar da região fronteiriça que representava esta província. Nesse sentido, as autoridades provinciais por várias vezes, entre elas nos relatórios de província e mensagens de governadores, apresentavam e reclamavam a falta de estrutura bélica da região para o governo central no Rio de Janeiro, porém sem a devida resolução do problema.

Como podemos observar na seguinte citação do Relatório do Presidente de Província, onde fala do episódio da invasão à Mato Grosso, a mobilização de um efetivo militar foi feito de um improviso, diante do pavor da população:

No meio do susto das famílias, algumas das quaes reirarão-se espavoridas, vistas pegar em armas o 1º Batalhão da Guarda Nacional, única força que aqui existia improvisar-se hum Batalhão de Voluntários, e até os militares que se achavão presos, pedir armamento para coadjuvar a defesa da cidade. Ao chamado do Governo, e ainda espontaneamente não tardarão em reunir-se à mencionada força os 2º e 3º Batalhões da Guarda Nacional, compostos de habitantes da visinhas Frequezias, e posteriormente o 4º Batalhão pertencente aos Municípios do Diamantino e do Rosário².

Não tínhamos uma forças de linha na região, e tendo apenas o 2º Batalhão de Artilharia a Pé no Distrito de Dourado um Destacamento Militar, não foi possível a defesa das cidades.

Diante dessas “falhas”, em Dezembro de 1864 os paraguaios invadem a Província de Mato Grosso, organizados a partir de duas expedições, sendo uma terrestre, comandada pelos paraguaios coronel Vicente Barrios e o Coronel Izidoro Resquim que comandou as

² Relatório do Presidente de Província da Capitania de Mato Grosso, 17 de Out. de 1865, pagina nº 6. APMT.

operações em Vila Maria. E isto significou o ponto de partida para o desenvolvimento desse conflito.

Corumbá, foi a primeira localidade brasileira atacada pelos paraguaios em janeiro de 1864, sob o comando de Barrios, enquanto outra expedição iniciava o ataque pelo rio Apa a cidade de Miranda com 1450 soldados de infantaria. Apesar dos ataques as cidades, estas estavam praticamente abandonadas pela população, assim havia apenas alguns militares.

Em Cuiabá, a população temia uma possível invasão, pois bastava os paraguaios descer o rio, porém cria-se estratégias para a defesa da cidade, que contou com a criação do Corpo de Voluntários da Pátria feito pelo então marinheiro aposentado Augusto Leverger, que passou a ter o título de Barão de Melgaço, uma vez que mobilizou os homens em Cuiabá e os deslocou para fora da cidade, na Região estratégia denominada Melgaço.

Dentre os diversos corpos e batalhões enviados a Mato Grosso, tivemos foco da pesquisa ao Batalhão de Infantaria de nº 21. Este corpo é formado em sete meses depois da invasão Paraguaia em Mato Grosso, é organizado sob ordem do Império na cidade de Uberaba, como nos diz Moreira:

“ A lei n.º 1.246, de 28 de junho de 1865, regida pela Ordem do Dia n.º 459, de 5 de julho do mesmo ano, regulamentou a formação do 21º Batalhão de Infantaria, a oito companhias, oriundo da junção dos Corpos de Guarnição de São Paulo e Minas Gerais. ” (MOREIRA,1990:15)

Observamos que esta unidade militar fazia parte de uma grande expedição, composta por vários outros corpos e companhias, como o Batalhão de Infantaria nº 20, além de contar com Batalhões de Voluntários da Pátria, Cavalaria e uma comissão de engenheiros. Sendo esta organização que realizará as operações de defesa no Sul de Mato Grosso, e que também ficará na história pela sua manobra militar em terras paraguaias, denominada de “Retirada da Laguna” pelo escritor Visconde de Taunay, como iremos tratar adiante.

A partir do ataque dos paraguaios em 1864, esses corpos militares de São Paulo e Minas Gerais se articulam em Uberaba, Província de Minas Gerais, e ocorre o desaparecimento dos Corpos Fixos, e a soma de outras unidades, para formar o Batalhão 21, com oito companhias.

Formada essa coluna militar, deslocou-se em direção a Coxim, onde permaneceu por quatros meses, e por ser esta região de intensa insalubridade, devido às cheias de rio, ocorrem intensas epidemias, como a de beribéri, e perda soldados, além da falta de

abastecimento de alimento, provocados pelas inundações provocadas pelas cheias do Rio Paraguai.

Após a permanência em Coxim, o batalhão 21 se dirige à Miranda, sob o comando do Major José Thomaz Gonçalves. Nesta localidade, esse corpo permaneceu por quatro meses, de intensas dificuldades devido às doenças, provocando novas perdas de contingentes. Depois de nove dias de caminhada este Corpo chegava a região de Nioaque, o que possibilitou um descanso e reorganização das tropas.

A coluna militar, ao chegar à região do Rio Apa, fronteira do Brasil com Paraguai, o Coronel Thomaz decidem cruzar e invadir a região paraguaia, porém para isso, retorna à Nioque para planejar essa invasão.

Depois da decisão e do planejamento da invasão, receberam a ordem de partida e o Batalhão 21 de Infantaria, fica à retaguarda da Expedição.

Os primeiros momentos da invasão foram perturbadores; os soldados brasileiros foram atacados, porém sem grandes perdas, devido a forte ação militar do Batalhão 21, que por estar na retaguarda da expedição, foi o último a chegar ao conflito. No momento da retirada dos soldados paraguaios, atearam fogo na ponte do Rio Taquaraçu, o que provocou um atraso à expedição.

No território paraguaio, os brasileiros atacaram e se apossaram da cidade de Machorra, e mais uma vez o plano seria de utilizar o Batalhão 21 na retaguarda e o ataque com o 17º Batalhão de Voluntários. Este plano tinha o objetivo de conquistar o Forte Bela Vista, o qual era a defensiva do lado paraguaio e portanto, ponto estratégico para uma vitória.

A estratégia utilizada pelos paraguaios para defesa de seu território, foi a destruição e queima total de todos recursos possíveis que poderiam ser utilizadas por tropas brasileiras. Desse modo, as dificuldades, foram se tornando cada vez mais insuportáveis, uma vez que faltava até alimentos.

Após a tomada do Forte de Bela Vista, a expedição decide seguir caminho para a Fazenda Laguna, a qual segundo historiografia era pertencente ao Presidente paraguaio Francisco Lopes. No trajeto à Laguna, não foi encontrado nenhum alimento, provocando uma maior dificuldade para os soldados.

Na região de Laguna, o Batalhão 21, saiu de sua posição de retaguarda e foi escolhido para realizar um ataque a um acampamento Paraguaio, que segundo Moreira (1990) “estava a uma légua e meia do estacionamento brasileiro”. Este batalhão contava com o apoio de Corpos de Caçadores à Cavalo.

Nos primeiros momentos desse conflito, os paraguaios saíram em retirada, com um saldo de oitenta mortos e a perda de muitos materiais bélicos, deixados para trás durante a retirada. Apesar desse clima de euforia dos brasileiros, já não havia uma estrutura que possibilitasse a posse das terras até então conquistadas, e nem mesmo mantimentos, vitais para a sobrevivência. Assim, estes fatores impossibilitaram a continuidade do plano de conquista até chegar a Assunção. Eles estavam cercados pela tropa paraguaia.

Diante dessas dificuldades, não havia outra escolha, foram obrigados a se retirarem, retirada que ficou conhecida historicamente como “RETIRADA DE LAGUNA”, uma manobra militar que bastante complicada, uma vez que a posição da Expedição brasileira era alvo muito fácil de constantes ataques.

O Batalhão 21 de Infantaria agia a partir de então no flanco esquerdo da Coluna, que devido a esta posição foi menos atingido pelo paraguaios.

A coluna se dirigiu à margem direita do Apa e ficou estacionada por dois dias. Essa ação tinha a intenção conseguir mantimentos e alimentação dos comerciantes brasileiros situados em Nioaque, porém, a coluna não conseguiu concluir o plano.

Tropas brasileiras foram atacadas frontalmente de surpresa em Manchorra, e o Batalhão 21 foi atacada por uma cavalaria. O combate foi rápido, porém fulminante com a perda de duzentos e trinta soldados brasileiros. Este episódio foi um dos decisivos para os conflitos no palco secundário da guerra e um dos mais sangrentos.

Depois desse conflito, além da perda de soldados, a coluna militar sofria intensamente com a falta de alimentos e munição (equipamentos). Estes estavam próximo à Nioaque (lado brasileiro), o que poderia sinalizar melhora para a coluna, uma vez que era neste local que encontrava grande parte dos comerciantes que abasteciam a coluna. Porém, soldados paraguaios atacaram essa cidade antes da chegada da tropa brasileira. Esse fato é um dos que contribuiu para a perda de homens e o enfraquecimento da coluna, uma vez que a situação já era muito complicada.

A Expedição militar brasileira ao sair da rota original que entraram no Paraguai e tomar um atalho, estratégia para ganhar tempo estes foi atacada com um incêndio provocado pelos paraguaios nas matas da região do acampamento da coluna. Após esse episódio, as tropas conseguem um lugar para acampar com água portátil.

A situação tornava-se mais caótica, devido as doenças tropicais, como o caso da cólera-morbo, o que também era resultado da fome, uma vez que a soldadesca não tinha resistência física, o que facilitava a contaminação e a disseminação dessa doença.

Os soldados brasileiros conseguem, depois de tamanho sofrimento e abandono por parte do Império brasileiro, atravessar o Rio Miranda, ainda sobre o comando do Major Thomaz Gonçalves, o qual era comandante do Batalhão 21. Logo depois chega a cidade de Nioaque e, em seguida, Aquidauana, e neste local o Major Thomaz declara na ordem do dia o fim Retirada.

Após toda essa difícil operação militar de retirada, o Batalhão 21 de Infantaria chegava a Cuiabá em 1867, onde permaneceu até 1869. Quanto a esse período de permanência em Cuiabá, esta corporação ficou estacionada no Largo da Matriz³.

Com relação aos soldados do Batalhão 21, grande parte destes eram proveniente de outras províncias, além de serem voluntários de outras corporações militares que foram “addidos” (incorporados a esta instituição), como pode ser observado em documentações que demonstram a presença de soldados do Batalhão 17 de Voluntários, presentes na Coluna Militar, e que foram somados ao 21 de Infantaria.

Após o conflito muitos soldados passam a solicitar recursos para voltar às cidades de origem, uma vez que grande parte deles fazia cinco anos longe de suas famílias.⁷

Com o fim do conflito em 1º de Março de 1869, o chefe das operações no território paraguaio Conde D’eu, solicita a participação do Batalhão 21 e de outras forças estacionadas em Mato Grosso nestas ações. Assim, deslocam para Assunção duzentos e vinte e seis praças do Batalhão 21 de Infantaria.

Após esta tarefa de apoio no Paraguai, o Conde D’eu designa o 21 de Infantaria a permanecer em Corumbá com a finalidade de vigiar as cidades de divisa e o Forte de Coimbra.

Em 1º de Março de 1870 termina oficialmente a Guerra do Paraguai. Os efeitos do pós-guerra para o Brasil foram de suma importância, uma vez que representa um marco histórico, pois através desse momento foi possível grandes transformações no cenário social, econômico e político do Brasil.

Desse modo, o Batalhão 21 de Infantaria, assim como o Exército, que saiu vitorioso da guerra, foi um grande momento de conscientização política e social e é nesse momento que constituiu a República.

O Batalhão 21 de Infantaria é transformado em 16º Batalhão de Caçadores em 1920 pelo Decreto nº 13.916 de 11 de Dezembro de 1919, o qual já previa a transferência

³ Requerimento do Batalhão 21 de Infantaria à Tesouraria da Província, Lata 1870, pasta de assuntos militares, APMT

dessa instituição para Cuiabá, e que foi instalado no Arsenal de Guerra, localizado no Bairro do Porto. Porém o 16 BC pertencia à Brigada Mista, com sede em Campo Grande.

O 16º Batalhão de Caçadores esteve envolvido em diversos momentos políticos em Mato Grosso, como a Revolução de 1922, Revolução de 1924, a Coluna Preste e a Revolução de 30.

Em 1978 o 16º BC transforma em 44º BIM (Batalhão de Infantaria Motorizada), o qual está localizado atualmente na área central de Cuiabá, em um prédio construído durante a administração do Interventor Federal Julio Muller.

O Batalhão 21 de Infantaria, no pós-guerra do Paraguai, representou para Mato Grosso uma organização militar fixa com o objetivo de vigiar as fronteiras. E tínhamos, a partir de então, um representante do Poder Central (Estado) em Mato Grosso, uma vez que anterior a esta, havia apenas a Guarda Nacional, que tinha uma característica privada e ligado às elites locais.

Referências bibliográficas:

- BARROSO Gustavo. **História Militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 2000.
- CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik (orgs.) **Nova História Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: FGV/Bom Texto, 2004.
- COSTA, Wilma Peres. **Espada de Dâmocles. O Exército, a Guerra do Paraguai e a Crise do Império**. São Paulo: Ed. Hucitec.1996.
- DORATIOTO, Francisco. **A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Editora Brasiliense.1991.
- MARQUES, Maria Eduarda Castro (org.). **A Guerra do Paraguai: 130 anos depois**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará. 1995.
- MOREIRA, Reinaldo Correia. **O Batalhão Laguna**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.
- MATTOS, Francisco Joaquim. **A Guerra do Paraguai (História de Francisco Solano Lopes, o extermínio da nação paraguaia)**. Brasília: Editora da UNB 1990.
- SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília. Imprensa Oficial de São Paulo, 1999.